JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira

VIRIATO TRÁGICO

Comédia de capa e espada, em 5 actos

Segunda edição, revista

EDITÔRES—SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

VIRIATO TRÁGICO

COMÉDIA DE CAPA E ESPADA

Representada pela primeira vez, em março de 1900, no antigo Teatro D. Amélia, de Lisboa

Ruidas 8-XII-25

Editôres — *Santos & Vieira* — Lisboa
Tip. da Imprensa Portuguesa
Rua Formosa, 112, Pôrto | MCMXVIII

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira

VIRIATO TRÁGICO

Comédia de capa e espada, em 5 actos

Segunda edição, revista

EDITÔRES—SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

FIGURAS

BRÁS GARCIA MASCARENHAS	EDUARDO BRAZÃO
D. SANCHO MANOEL	AUGUSTO ROSA
MARCOS GARCIA	JOÃO ROSA
BRISTO	AUGUSTO ANTUNES
SAN-VITO	ANTÓNIO PINHEIRO
GIL BARROCA	LUÍS PINTO
MEM ROSADO	HENRIQUE ALVES
VASCO OLEIRO	JOÃO GIL
1.º PASTOR	ALFREDO SANTOS
2.º PASTOR	CARLOS DE OLIVEIRA
3.º PASTOR	ALVARO CABRAL
4.º PASTOR	MASSAS
MARTIM RUIVO	BAYARD
O FRADE DO MONTANTE	SETA DA SILVA
UM AMIGO DE BRÁS GARCIA	LAGOS
1.º VELHO	CARLOS O'SULLIVAND
2.º VELHO	ANTÓNIO PEDRO
3.º VELHO	NUNES
UM PAGEM de estrado	SALES
O SARNENTO	OLIVEIRA
O NEGRO	SILVA
3.º RUFIÃO	SALES
MARIA	ROSA DAMASCENO
BRÁSIA, adela e cabeleireira	ANA PEREIRA
HELENA MADEIRA	CAROLINA FALCO
MADALENA	MARIA FALCÃO
CATARINA	AMÉLIA PEREIRA
LUZIA	ELVIRA SANTOS
MANA BEZERRA	JESUINA SARAIVA
MANA BRANCA GIL	AMÉLIA O'SULLIVAND
1.ª CIGANA	MARIA FALCÃO
2.ª CIGANA	AMÉLIA PEREIRA
3.ª CIGANA	PALMIRA TÔRRES

Pastores, pastoras, serranos e serranas da Estrêla, fidalgos, arcabuzeiros, piqueiros, ciganas, pagens de tocha, trombeteiros, atabaleiros, homens e mulheres do povo, etc.

SÉCULO XVII

PRIMEIRO ACTO

Um pátio da Lisboa do século XVII. Os dois planos da casaria da esquerda e da direita encontram-se, ao fundo, num arco que abre para a betesga. O arco é largo e de fortes aduelas: tem, ao alto, na sombra do telheirinho, um painel de azulejo com sua luz de azeite, e em baixo, de cada lado, um alveiro de pedra caiada. Na casaria à E. e à D., paredes de ressalto, janelas de rótulas, portas estreitas de largo poial, oratórios. À E. baixa, porta da taberna de MARTIM RUIVO: *pequeno telheiro, candeia, ramo de pinho; banca; escabêlos. À E. alta, portas para as moradas de* MANA BEZERRA *e* MANA BRANCA GIL, *paredes meias; ao cimo, duas janelinhas de adufa, praticáveis, uma das quais, a de* MANA BEZERRA, *fica na ilharga de um ressalto, de modo a afrontar com o espectador. À D. baixa, a olaria de* VASCO AFONSO: *vê-se a roda onde o oleiro trabalha. Sôbre um tabuado tôsco, à porta, potes, cântaros e infusas, que estiveram ao soalheiro. À D. alta, uma escadinha exterior, dez ou doze degraus de pedra gasta, dando para um pequeno eirado de alpendre: é a morada da* BRÁSIA, *adela, com os seus janelos de reixa e o seu taboleiro florido. — Pôr do sol de março.*

PRIMEIRO ACTO

SCENA I

GIL BARROCA, MEM ROSADO, MARTIM, BEZERRA, BRANCA GIL

GIL BARROCA e MEM ROSADO, *assentados à banca, entre um baralho de cartas e um pichel vazio;* MANA BEZERRA e MANA BRANCA GIL, *levantando as rótulas das janelas, conversam uma com a outra. Pouco depois,* MARTIM RUIVO.

GIL BARROCA

Pois sempre te digo que as hostarias de Flandres e da Itália teem melhor focinho do que esta. Linda terra, a de Flandres! Por lá matei, rufiei e bebi. Sobretudo, bebi.

BEZERRA, *a* BRANCA GIL

É verdade! Aquele pátio das Arcas parece cóio de excomungados! Os cómicos dizem coisas que são de uma pessoa còrar!

MEM ROSADO, *agarrando no baralho de cartas*

Vai a parsoleta ou o quinze, Gil Barroca?

GIL BARROCA

A parsoleta. Como na horta do Ducado.

BRANCA

Então como se chamava a comédia que lá viu, ó mana Bezerra?

BEZERRA

Faz lá idea! *Entremez famoso da Infanta Palançona!* Ai, que pecados aquelas almas disseram! Quando cheguei a casa rezei logo uma ladainha.

BRANCA

Também é muito bom deitar água benta nos ouvidos.

BEZERRA

Ah! Isso não fiz.

GIL BARROCA

Dizia San Raimundo que do jôgo nascem sete pecados. *(jogando)* Dama!

MARTIM, *entrando com o vinho*

Um pichel de rosete!

MEM ROSADO, *jogando*

Rei.

GIL BARROCA

Cá para mim, o peor é o vinho.

BRANCA

Antes ouvir um sermão ou qualquer outra coisa santa!

GIL BARROCA

O vinho, — e as mulheres.

MEM ROSADO, *com desdêm*

As mulheres! *(Jogando)* Quina de paus. Lá diz a chocarrice castelhana: *Buena mula, buena cabra y buena mujer, son tres malas bestias.*

BEZERRA

Sempre gostava de saber quem foi que escreveu aquela amaldiçoada comédia!

BRANCA

A Brásia adela, que mora ali defronte, talvez saiba.

BEZERRA

Ainda não veio. Quando vier, pergunto-lhe.

GIL BARROCA, *jogando*

Rei de oiros. Ganhei.

BEZERRA

Ou então, talvez o Martim Ruivo. *(Chamando)* Ó Martim Ruivo! De quem é a comédia que ontem se representou no pátio das Arcas?

GIL BARROCA

A Infanta Palançona? Isso, mana Bezerra, já é entremez velho.

BEZERRA, *indignada*

Mas quem foi o devasso que o escreveu?

MEM ROSADO

Foi um, de nome Simão Machado. Já corre impresso.

BEZERRA

Ah, já corre impresso? Então vou comprar.

BRANCA

A mana Bezerra afligiu-se tanto e quere ler?

BEZERRA

Já agora, se êle corre impresso... — Assim como assim, tenho de deitar água benta nos ouvidos, deito-a tambêm nos olhos.

GIL BARROCA, *às gargalhadas*

A beata deu em chocarreira!

BEZERRA

Até logo, mana Branca Gil, que se me queima o capão assado.

BRANCA

Até logo, mana Bezerra.

As duas beatas cerram as rótulas

GIL BARROCA

Boa vizinhança tens, Martim Ruivo! Cá no sobrado de cima, duas beatas mexeriqueiras, que mexericam de tudo, — e, ali defronte, a Brásia adela...

MARTIM

Que tem a filha que tem!

GIL BARROCA

Aquela santa doirada. Essa sim, que faz boa vizinhança! *(Ouve-se cantar o* VASCO OLEIRO) E então ali o Vasco oleiro, que parece que nasceu a cantar no ventre da mãe!

SCENA II

GIL BARROCA, MEM ROSADO, VASCO OLEIRO

MEM ROSADO *a* VASCO OLEIRO, *que assoma à porta cantando e sobraçando um pote de barro*

Olá, Vasco oleiro!

VASCO OLEIRO

Olá!

(Entoando)

Pastora que ides a monte
Pelo matinho chorando,
Vai-vos o gado minguando...

GIL BARROCA

Tirou o tôrno ao gargueiro! Raios o partam!

MEM ROSADO, *ao* OLEIRO

Isso é vilancete do Brás Garcia?

VASCO OLEIRO, *deitando um olhado de rancor a* GIL BARROCA, *por sôbre o ombro*

Os homens são como os potes de barro. Quando a gente os faz falar... *(batendo com os nós dos dedos no bôjo do cântaro)* é que vê de que raça êles são!

GIL BARROCA, *voltando-se, brusco*

Que estás tu para aí a rosmear, ó meu alma de cântaro?

VASCO OLEIRO

Nada. É com os potes.

GIL BARROCA

Quem eu te quero à perna é o Brás Garcia, se dás em lhe errar os versos.

MEM ROSADO

Isso é que êle não perdoa a ninguêm!

GIL BARROCA

Bate-te a solfa nas costas!

VASCO OLEIRO, *a* GIL BARROCA

A ti é que eu t'o quero à perna se ateimas em embicar cá para cima, para a filha da Brásia. E olha que se o Brás Garcia te põe mão, deslomba-te!

GIL BARROCA, *levando a mão à espada*

Antes que êle me deslombe, te hei-de eu meter esta pelas goelas abaixo, a ver de que barro és feito!

VASCO OLEIRO, *recolhendo-se na loja*

Enganas-te. Cá o meu não é amassado com vinho.

SCENA III

GIL BARROCA, MEM ROSADO, MARTIM RUIVO, SAN-VITO

SAN-VITO, *entrando, num andar bailado, em trejeitos e em esgares*

Alvíçaras! Alvíçaras!

MARTIM

Olha o San-Vito!

MEM ROSADO

Alvíçaras porquê, San-Vito?

SAN-VITO

Já temos novo governador da Beira.

MEM ROSADO

Quem é?

GIL BARROCA, *a* SAN-VITO

Desemperra essa língua!

SAN-VITO

Fernão Teles de Menezes.

MEM ROSADO

Êste sim, que é dantes quebrar que torcer!

SAN-VITO

Vai com êle, por mestre de campo de um têrço, sabeis quem?

GIL BARROCA

Dize lá!

SAN-VITO

O senhor D. Sancho Manoel.

GIL BARROCA

D. Sancho Manoel...? Bem sei. Conheci-o em Flandres.

MEM ROSADO

Dizem que é valente e de boa sombra!

MARTIM

Os castelhanos hão-de mostrar-lhe as solas dos pés!

GIL BARROCA, *fanfarrão*

É cá dos meus. Sete léguas de bôjo, poucos escrúpulos, enganador, sabendo dar bem um mão-dobre e um altabaixo, bigode açafroado, grandes ligas com pontas de oiro, guedelha enorme sôbre o mantéu flamengo, e chegado a mulheres que tem diabo! Honra de moça virgem ao pé dele, não há nenhuma que não quebre! Tal qual como ali os potes do oleiro, que mal a gente lhes põe mão — racham logo.

VASCO OLEIRO, *da soleira da porta*

Tinhoso!

SAN-VITO, *com o nariz para a portinha da* BRÁSIA, *chamando-a*

Mana Brásia! Ó mana Brásia!

MARTIM

Que estás tu a barregar, homem! Ainda não veio.

GIL BARROCA

Que é que tu queres à Brásia adela?

SAN-VITO, *misterioso*

São coisas cá da gente os dois.

GIL BARROCA

Sempre me saíste um alcoveta!

MEM ROSADO

Isso é recadinho, hein?

MARTIM, *também a* SAN-VITO

Deixa-te aí estar, se queres. A Brásia não tarda. Ela e mais a filha.

SAN-VITO, *assentando-se num escabêlo*

A filha! Aquilo é que é uma lindeza de moça!

MARTIM

Não a há mais linda por terras de Portugal!

SAN-VITO

Há-de ter um corpo doiradinho, de fazer uma pessoa rezar.

GIL BARROCA

Tu também entendes disso, San-Vito?

MEM ROSADO

O que espanta é que a Brásia tenha guardado honrada a filha.

MARTIM

Quer-lhe mais do que aos olhos da cara!

GIL BARROCA

Quem apanha aquele pucarinho de Natal é o Brás Garcia.

MEM ROSADO, *desdenhoso*

O poeta!

GIL BARROCA, *em ar de moça*

Trata-a então de grande dona... É logo risinho na bôca e sombreiro ao largo! Parece que veste de sêda as palavras que lhe diz.

SAN-VITO *vai até junto do arco, a espreitar.*

MEM ROSADO

Dizem que traz casamento concertado com ela.

GIL BARROCA

A filha de uma alcoviteira!

MARTIM

Mas o certo é, que é honrada.

MEM ROSADO

E depois, cioso. Lembras-te aquela noite em que êle deu nos cinco rascões que lhe estavam a musiquiar debaixo da janela da menina?

GIL BARROCA

Bem sei. Eu vi, de longe. Não quis ser dianteiro, para resguardo das queixadas.

MEM ROSADO

Só com duas tretas de unhas acima e três zurzidos, deu nêles que os deixou a escorrer sangue. A todos cinco!

MARTIM

Valente como um tronco, lá isso é. E poeta de feição!

MEM ROSADO, *a* GIL BARROCA

Acautela-te. Poucos olhados lá para cima. Com o Brás Garcia não se brinca. É serrano, tamanhouço e

do mais fidalgo sangue. Peor é cubiçar-lhe a moça do que errar-lhe os versos do vilancete, como o Vasco oleiro. Assim como assim, a filha da Brásia já ninguêm lha tira...

SAN-VITO, *que tem saído à betesga, voltando e ouvindo as últimas palavras de* MEM ROSADO

Isso agora...!

MEM ROSADO

Isso agora o quê, San-Vito?

SAN-VITO

Isso agora é que nós havemos de ver!

GIL BARROCA, *a* MEM ROSADO

Que diz êle?

MARTIM, *junto do arco do fundo, olhando*

Lá vem a Brásia adela, mais a filha.

SAN-VITO, *indo espreitar*

E é que são!

MARTIM, *olhando ainda*

Como a mocinha vem linda, com o seu garavim de fio de oiro na cabeça! *(Falando para fora)* Eh, mana Brásia! Tem por cá quem na busque!

SCENA IV

OS MESMOS, MARIA, BRÁSIA

BRÁSIA, *entrando, muito enfadada, com as mãos a agarrar nas ilhargas da saia*

Ora, ora! Estas poças da betesga! *(Noutro tom)* Quem me busca? *(Regaçada, olhando a saia)* Tôda suja de lama, uma saia golpeada de mosqueta que me tinha custado cem cruzados! Ora, ora! *(Lobrigando* SAN-VITO) Ah! És tu? Dou-te a San Sadorninho, que já me enfadas! Dize-lhe que não, que não e que não! Ouviste? Uma moça formosa é um visco de ociosos. Todos se apegam a ela. Que não, que não e que não! — E vai-te, não me tentes.

SAN-VITO

Mas, mana Brásia... Era só...

BRÁSIA, *atalhando, arrenegada*

Vai-te, não me tentes!

MARIA, *que traz um açafatezinho sobraçado*

Venha, mãe. Deixe-o lá.

MARTIM

Não se amofine, mana Brásia, que envelhece.

BRÁSIA

Sempre êste varas-verdes a tremer diante de mim! Até faz aflição!

GIL BARROCA, *com a mão sôbre o ombro de* MEM ROSADO, *olhando* MARIA

A graça do andar, o rostinho...

MEM ROSADO

Os beiços, que parecem borlantins de Itália...

BRÁSIA

Que dia, Jesus, que dia! Nos tempos de agora já se não pode ser adela nem cabeleireira. Chega-me aí um escabêlo, Martim. (MARTIM *chega-lhe o escabêlo;* BRÁSIA *assenta-se;* MARIA *desce até à D. baixa, a falar com* VASCO OLEIRO) Tão pechosas, estas donas ricas! A condessa de Vila Nova, então! Desde que pegou a moda dos sinaizinhos à francesa, já quere um sinalzinho aqui, outro sinalzinho ali, outro sinalzinho acolá, agora um na face, logo outro num peito... E a marquesa de Ferreira! Aquilo não é andar vestida, senão revestida! Parece Fama de procissão! Jesus!

MARTIM

Os tempos vão mudados.

BRÁSIA

É um nunca acabar! Dou em héctica! São tôdas Brásia para aqui, Brásia para acolá... Esta pelas

águas do rosto, aquela pelos sapatinhos de âmbar... E as que teem pano? É estar todo o dia a limpar-lhes a cara com vidro! Jesus! Jesus! *(Dando outra vez por* SAN-VITO, *que teima em lhe falar)* Ainda tu aí estás? Vai-te, diabo, vai-te, não me tentes!

SAN-VITO

Mas, mana Brásia... É só dizer...

BRÁSIA *repele-o e fala com* MARTIM RUIVO.

GIL BARROCA, *olhando* MARIA

O geitinho que ela tem na bôca...

MEM ROSADO

Mesmo um rostinho de tauxia!

VASCO OLEIRO, *a* MARIA, *que tem pousado o açafate*

Foi má a venda?

MARIA

Três dixes de oiro, que não mais, e uns sapatos de Valença com sola de verdete. — Êle ainda não veio?

VASCO OLEIRO

O senhor Brás Garcia? Ainda não. Mas não deve de tardar.

GIL BARROCA

Sempre era recadinho, hein, San-Vito?

SAN-VITO

É segrêdo.

MEM ROSADO

Da parte de quem vens?

SAN-VITO

É segrêdo.

GIL BARROCA, *empurrando-o*

Vai-te com os teus segredos, bailão!

BRÁSIA, *a* MARTIM RUIVO

... E então sobrancelhas com linha! Faço dúzias! Parece que tôdas teem as sobrancelhas comidas, aquelas rainhas Pantasiléas!

MARIA

Eu vou subindo, mãe.

BRÁSIA

Vai. Eu também já vou indo, filha.

GIL BARROCA, *com galanteria afectadíssima, para* MARIA *que se afasta*

Tenho corrido terras, andado por Flandres e por Itália, e nunca vi, nem nas santas pintadas, um rosto que mais devoção me fizesse...

MARIA, *copiando, numa mesura graciosa, a afectação de* GIL BARROCA

Mercês...

MEM ROSADO, *agarrando* GIL BARROCA

Olha se o Brás Garcia te desanca! A tua espada não vale uma cana de esfolinhar, ao pé da dele...

VASCO OLEIRO *volta a cantar o vilancete;* MARIA *concerta o açafate e vai subindo a escada, de vagar.*

SAN-VITO

Mana Brásia, então...?

BRÁSIA

Valham-me as onze mil virgens! Mas que queres tu que eu te diga, amaldiçoado?

SAN-VITO

Eu é que lhe quero dizer...

BRÁSIA

O quê?

SAN-VITO, *arrastando-a para o fundo*

Há-de ser à esconsa... O senhor D. Sancho Manoel... *(Perdem-se as palavras)*

MARIA, *que ouve o* OLEIRO *retomar a cantiga, vai subindo e cantando com êle a «volta» do vilancete:*

Por êsse monte cansado
Já dois rebanhos levades:
O maior é de saudades,
O mais pequeno, de gado...

GIL BARROCA, *a* MEM ROSADO, *apontando* BRÁSIA *e* SAN-VITO

Aos segredinhos...

MARIA, *suspendendo, ao ouvir* VASCO OLEIRO *estropiar os versos e parando no tôpo da escada*

Não... Não é assim, Vasco Afonso. Êle tem-te ensinado tanta vez... *(Repetindo)* «O maior é de saudades, o mais pequeno de gado...» Se te ouvisse errar-lhe os versos, enfadava-se contigo.

VASCO OLEIRO

Tenho tão má retentiva...

MARIA *entra em casa;* VASCO AFONSO, *na olaria;* BRÁSIA *e* SAN-VITO *descem, segredando.* GIL BARROCA *e* MEM ROSADO *olham, ora os dois que segredam, ora* MARIA *que vai a recolher-se.*

BRÁSIA, *a* SAN-VITO

Então, que o espere aqui em baixo ao dar das Ave-Marias, não é verdade?

SAN-VITO

Hão-de estar quási dando.

BRÁSIA

Bom. Cá o espero até às Ave-Marias. Mas a minha resposta é sempre a mesma: que não, que não e que não.

SAN-VITO, *saindo, a correr, pelo fundo*

Isso agora é lá com êle!

SCENA V

OS MESMOS, menos MARIA e SAN-VITO

GIL BARROCA, *perseguindo* SAN-VITO

San-Vito! Ó San-Vito! *(Voltando)* Levou sumiço.

BRÁSIA

Deixai-o lá.

MEM ROSADO

Então, mana Brásia, de quem era o recadinho?

BRÁSIA

Coisas do mundo. Vão os tempos avêssos às honestas. Não sei de fidalgo aprendiz, que em se topando vestido à biscaínha, cheiroso e com muitos dobrões na algibeira sem os ter granjeado, não levante os olhos mal levantados para a virtude.

GIL BARROCA, *a* MEM ROSADO

Fala como honrada, a Brásia alcoviteira!

BRÁSIA

Se a cachopinha fôsse torta ou charra, já não acontecia isto. Eu bem lhe digo sempre que ao sair deixe o riso em casa. E ela é sisuda e de muito recato... *(Com gravidade cómica)* Estou em dizer que êste desvergonhamento de más tenções vem de se lerem muito por aí êsses livros que se chamam de cavalarias. Das filhas de uma estalajadeira sei eu, que dois dias depois de terem lido uma dessas peçonhas, fugiram tôdas três de casa, cada uma com o seu galante!

MEM ROSADO

Êles o que querem é ver se lhe apanham a moça, mana Brásia.

GIL BARROCA

E são muitos, hein? São muitos?

BRÁSIA

Como os cabelos da cabeça! Mas não sabem no que se metem. Eu um dia tiro-me dos meus cuidados, digo ao senhor Brás Garcia, e então lá se avenham todos com êle. É aí sangue por essas ruas, que se acaba o mundo!

GIL BARROCA, *com certa aflição*

Não faça isso, mana Brásia... Não faça isso!

MEM ROSADO

E quem são êles, os rascotes?

BRÁSIA

São muitos! Mas há um, o peor de todos, que êsse é que fia mais fino! *(Assobia)* Tem grande poder e seus geitos no paço. Todos se descobrem diante dele...

MEM ROSADO

E é galante?

BRÁSIA

Como sete mil oiros!

GIL BARROCA

Quem é?

MEM ROSADO

Como se chama?

Batem Ave-Marias na Sé. D. SANCHO MANOEL *aparece ao fundo, junto do arco, com máscara e rebuço.*

BRÁSIA

Ave-Marias... É a hora... *(Voltando-se e dando de cara com* D. SANCHO MANOEL) Ah!

GIL BARROCA, *baixo, a* MEM ROSADO

Ecce homo!

MEM ROSADO

De máscara... — Chut!

BRÁSIA, *benzendo-se*

Nossa Senhora me ajude.